

AS CLASSES GRAMATICAIS: O PROBLEMA DE SUA CLASSIFICAÇÃO

Paulo Mosânio Teixeira Duarte (UFC)
iorbrunus@gmail.com

RESUMO

O artigo abaixo trata da questão das classes de palavras, focando apenas algumas, do chamado inventário aberto. Para tanto, enfoca o formalismo, no amplo domínio semântico do termo, gerativista e estruturalista, neste tomando por exemplo autores do porte de Camara Jr., Mário Perini, Alarcos Lhorach, ente outros. Não visamos fechar questão, mas apontar problemas, que é o passo número um para soluções ,mesmo provisórias. Concluimos que é erro partir de classes estanques, embora seja possível imaginar uma outra mais plena de fixidez.

Palavras-chave: Classes de palavras.
Formalismo. Gerativismo. Estruturalismo. Critérios de classificação.

1. *Introdução*

O intuito deste trabalho é mostrar o problema das classes de palavras segundo perspectivas unilaterais e aponta a necessidade de enfoques “dialógicos” e de critérios conjugados quando imprescindível. Também sinaliza rever o conceito de classes sempre estanques.

Começamos por focar a abordagem de Câmara Jr.(1981) para depois adentrarmos outras perspectivas. Nosso propósito é apontar dificuldades taxonômicas no âmbito do português e de outras línguas.

Como adepto do relativismo linguístico, cremos que as classes estão sujeitas às culturas e não se submetem docilmente ao formalismo, principalmente àquele de natureza mais acentuada no tocante à autonomia da sintaxe e fundamentalmente à crença em preditibilidade no seio do sistema da língua.

É de bom alvitre deixar claro a distinção entre formalismo e linguística formal como bem deixou elucidado Oliveira (2004). Gerativistas são formalistas, mas, como dilucida a estudiosa, nem todo formalista é gerativa “porque há formalistas descrevendo línguas naturais que não coadunam com a tese da autonomia da sintaxe” (OLIVEIRA, 2004, p. 220). Existem acepções no formal que não focam a língua como cálculo.

A raiz do problema está na concepção de forma ora entendida

como oposta ao sentido, ora como aparência, ora como fórmula (ex.: a forma de um modelo), ora como modelo fundado nas ciências da natureza, ora como cálculo.

Na prática, o problema se acentua. Os funcionalistas de Praga se diziam estruturalistas. O ortodoxo Hjelmslev (1974), segundo o preceito saussuriano de que a língua é forma não substância e que construiu um sistema esotérico e árido, com nomes do tipo *funcutivo*, *função*, *glossema*, *cenema*, *plerema* é estruturalista, formalista. Martinet é posto entre os funcionalistas, mas, salvo prova em contrário, não notamos em suas obras pontos comuns dele com Givón, Halliday, Dick. Assumir o caráter de língua como forma a serviço de função, mas sem construir modelos em que se estabeleçam nitidamente as devidas conexões com as interações sociais e as funções textuais não torna um linguísta funcionalista no sentido restrito do termo. Hjelmslev (1974) e Lhorach (1981), em obra voltada para o espanhol, fundada nos critérios do Mestre de Copenhague, admitem no modelo, isto é, na Forma da Expressão a entonação (prosodema extenso, dado que no âmbito da frase inteira) e o acento (prosodema intenso (pois nos lindes de um fragmento de frase). Ponto de confluência com o Funcionalismo, embora com desdobramentos diversos, visto que o primeira abordagem entra no nível das regras de uso ao lado das regras de sistema.

A tagmêmica, exemplificada aqui em Wiesemann e Mattos (1980) chegam ao nível do texto. Na Europa, um autor do porte de Pottier (1978) coloca seu modelo linguístico a serviço da substância da expressão. E muitas concepções ainda são mantidas em obra mais atual (POTTIER, 1992).

Em verdade, a forma está na função, conjugada a ela. Por função entendemos as práticas sociais e sua relação com a forma, isto é, SISTEMA <---> FUNÇÃO, a não ser que incidamos nos primeiros tempos do funcionalismo radical. Porém, hoje, até funcionalistas de proa, admitem certa autonomia da sintaxe. Halliday (1985), coloca a cláusula como eixo dêitico de modo a estudar o que situa abaixo dela (sintagmas), acima dela (o composto oracional), ao lado dela (entonação e ritmo), em torno dela (coesão e discurso). Cumpre dizer que há funcionalistas mais formalistas que outros: Dick (1989) é mais formalista que Halliday (1985), admitindo regras de derivação de predicados e um sistema mais bem rígido.

Isto posto, não há por que aceitar dogmas em linguística. No má-

ximo, princípios flexíveis. Até hoje, não sabemos de fato se a mente (função do cérebro) precede o meio ambiente ou se é o contrário que se sucede. Não temos subsídios fortes para sabermos se os estímulos ambientais são caóticos ou se a é mente que os organiza.

Vale, pois, a afirmação de Oliveira (2004) em distinguir na linguística dois aspectos: naturalista e o histórico, este não se entendendo no sentido de “passado”, porque nos banha a todo instante, e em linguística, se faz presente na sincronia e na história, partes de uma teoria da linguística, mas não da linguagem. (COSERIU, 1979). Na história, vige o desejo, a ideologia. No naturalismo,, por mais “frouxo que seja, constroem-se hipóteses, parte de um *a priori* sobre o mundo e objeto construído com base numa linguagem sobre a linguagem, permitem-se experimentos, verificações e replicações. Diga-se de passagem, é sujeito ao princípio da falseabilidade, mas não permite a garantia da verdade, como bem reconheceu Karl Popper.

É com o espírito aberto, tal como descrito por Oliveira (2004) que vamos nos debruçar sobre as classes de palavras.

2. *As classes de palavras em português*

Câmara Jr. (1981), em português foi o pioneiro entre nós, que sem trair a tradição linguísticas, a organizou, baseado na contribuição de estudiosos de proa, como Bühler, Vendryès e Jespersen, citando aqui só os europeus, embora saibamos que foi tributário da influência americana.

Organizou um sistema de Classes fundado em critérios morfo-semânticos:

- a) nome: designadores de seres, pertencentes ao campo simbólico da linguagem, e marcado pelo gênero e pelo número;
- b) pronome: marcado pela dêixis (embora nossa leitura permita verificar outra marca, a definitude não definitude, para abranger artigos e indefinidos);
- c) verbo: designador de processos e marcado por desinências próprias.

Como todo sistema teórico, não está imune a problemas. Por mais que o grande linguista se esforce por justificar que *ser* não é categoria filosófica, é-o. Nomes abstratos, por exemplo, como *amor*, *ódio*. Nomes de ação mesclam duas categorias diferentes em termos aristotélicos. É di-

fácil assumir uma palavra como *juízo* vista como ser. Diga-se o mesmo de nomes de qualidade como *grandeza*.

Entre os pronomes, o estatuto dos advérbios de tempo é com certeza dêitico, mas difere da dos advérbios de lugar, que permite ligação com os pessoais, em termos de proximidade x não-proximidade. Quer dizer: os advérbios de lugar são mais acentuadamente dêíticos.

Uma novidade é que o sistema de Camara Jr. permite certa economia. Os ditos possessivos, por exemplo, se inserem entre os pessoais. O numeral é tido como nome de número (CÂMARA JR., 1968, sv. NUMERAL), embora ele tenha pontos de contato com os indefinidos *algum/nenhum*. O artigo é posto entre pronomes.

Cada uma das classes é subdividida sintaticamente segundo as linhas mestras de Jespersen:

- a) substantivo
- b) adjetivo
- c) advérbio

O verbo não tem classificação sintática, mas podemos reconhecê-la sem problema: predicado, melhor, núcleo do predicado. O advérbio é o grande problema, mas não é apenas para nosso grande linguista. Falaremos dele a seguir.

No domínio gerativista, Chomsky (RAPOSO, 1992) reconheceu duas classes de palavras, cuja importância não vou justificar porque envolve conhecimentos que julgamos melhor não desenvolver por motivos textuais ligados à digressão (o desdobramento do tema envolve questões como *papéis temáticos e atribuição de caso*):

- a) nome
- b) verbo: classe fundamental na frase

Além destas duas, há, em função das duas primeiras:

- c) adjetivo: reúne propriedades do nome e do verbo, isto é, não tem a categoria de Tempo, por exemplo, mas pode ser predicado, como em *Maurício é bom*. Partíciolos podem tornar-se adjetivos, como em *o dia está ensolarado*.
- d) preposição: nem tem propriedades de nomes nem de verbos. Há um autor de proa pouco conhecido entre nós, que, embora parta

de um ponto de vista diverso do de Chomsky, Lhorach (2004) reconhece, como alguns de dos discípulos do linguista americano, quatro grandes classes:

- a) substantivo,
- b) verbo
- c) adjetivo,
- d) advérbio

Cada uma delas comporta subdivisões. Por exemplo, há substantivos pessoais (eu), indefinidos (alguém), demonstrativos (isto). Há adjetivos demonstrativos (esta porta), indefinidos (alguns livros). O autor reconhece, dentro das macroclasses, especificidades que demandam subdivisões.

3. *Das classes gramaticais: o problema focal único*

A problemática é maior que faz supor o esquema chomskyano pelo menos nos manuais de divulgação. Há autores da corrente gerativista que, em vez da preposição, admitem o Advérbio como básico, chegando inclusive a englobar as preposições neles, o que é absurdo. Outros incluem os advérbios entre as preposições.

Adiantamos nosso ponto de vista bem sumariamente: não podemos asseverar vai que *hoje*, *ontem*, *novamente*, *antigamente* são preposições. Basta verificar que existem combinações de preposições. De outro modo, não há como explicar o fato de os sintagmas destacados no sintagmas nominais: vida *de hoje*, vida *de antigamente*, em que há combinação visível de uma preposição com advérbio. Em outras palavras, o sintagma nominal não se compõe somente de preposição e nome.

Duarte (1983), no livro organizado por Mateus et al. (1983), de modo lúcido e realístico, pelo menos para línguas como o português, não hesita, porém, em admitir cinco classes:

- a) nome,
- b) verbo,
- c) adjetivo
- d) advérbio,

e) preposição.

Não cremos ser possível igualar nomes e pronomes, embora ambos possam ser núcleos de sintagma. As expansões são diversas: eu, por exemplo, admite operadores como *apenas*, *inclusive*, *até*. *Nós*, por seu turno, admite, os quantificadores como *ambos*, *todos*, *dois*: *ambos nós*, *todos nós*, *nós três*. Os motivos são semânticos e não os exploraremos.

O pronome *ele* e suas formas flexionais correlatas podem ser núcleos, no nível endocêntrico e exocêntrico. Admitem referir-se a pessoas, a coisas, a pessoas e coisas, pessoas e animais, a depender de injunções flexionais. Diferem da forma *eu*, que exige referentes com o traço [+1ª.PESSOA, +SINGULAR, + HUMANO]. Porém, acatamos de bom grado que, em se tomando o aspecto de núcleos como condição, em termos nominalistas, pronomes são de fato nomes. Todavia com expansões diversas das de um nome clássico, *verbi gratia*, na frase: *todos os dois belos bonitos do parque*. A expansão sintagmática é de natureza sintática sem dúvida.

Os adjetivos são complexos do ponto de vista sintagmático. Um é o comportamento deles como adjuntos, outro como predicados. Não há nenhum contrassenso em admitir-se que junto com verbos de cópula podem ser considerados verbos *sui generis*. Se afirmamos *João é/está doente*, os verbos de cópula conferem à frase aspectualidade, e temporalidade. No gerativismo e na Glossemática, que agregam um forte viés formalista, as categorias verbais são da frase. Por isto, na linguística hjelmsleviana, o tempo, por exemplo, é *morfema extenso*, nome motivado etimologicamente, pois advém do latim *ex-tensum* “que se estira para fora”, por oposição a *morfema intenso* (o gênero, por exemplo), *que se confina* ao sintagma. Intenso é etimologicamente vinculado a *in-tensum* “que se contrai, se estira nos limites internos (do sintagma). Ora, as categorias verbais são FLEX ou IP no Gerativismo e se ligam ao todo frasal (cf. RAPOSO, 1992, e LLHORACH, 1981).

O interessante é que estas noções acima de extensão e intensão estão em Pottier (1978), não com estes nomes. Presidem-na a noção de *evolutividade*, a *estatividade* e *causatividade*, conforme os exemplos seguindo as categorias semânticas na ordem apresentada :

- a) o dia está ficando quente lá fora
- b) a calor queimando lá fora
- c) o calor queima a calçada lá fora

Não podemos deixar lacunosos os desdobramentos das categorias de Pottier. Estas noções do estudioso francês bem como as complexas subdivisões das mesmas, cujas linhas não temos condições de tratar nos limites deste trabalho, permitem estudar em conjunto tempo, aspecto e voz sob um ponto de vista sintático-semântico. E persistem até hoje no viés cognitivista que Pottier abraçou (POTTIER, 1992). Em suma, adjetivos como predicados só o são na plenitude se nos ativermos aos verbos de cópula e às noções de Pottier e Hjelmslev. Sós, adjetivos são portadores de certas características que não referiremos aqui. A mais conhecida: deixam-se expandir em sintagmas adjetivais. No âmbito da predicação, são verbos complexos. A força do contexto é imperativa.

O advérbio é o grande problema a enfrentar e está longe de ter solução satisfatória. Para a gramática tradicional, em geral, modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio :

- a) *acordei cedo hoje,*
- b) *acordei muito alegre hoje,*
- c) *acordei muito cedo*

Num enfoque estrutural, Macambira (1987) expande o espectro adverbial para substantivos ou orações: o então rei da França, Naturalmente sei que a dívida externa é impagável. O conflito não se instaura, pois, numa questiúncula: advérbio ou preposição?

Perini (1995, p. 86-90), baseado em traços formais conjugados a uma perspectiva distribucional, distribui o que chamamos advérbios em grupos:

- a) negação:
- b) adjunto adverbial
- c) adjunto oracional
- d) adjunto circunstancial
- e) atributo
- f) intensificador

Resta, todavia, tratar da modificação substantival. Seria adjunto substantival? Não podemos nos debruçar sobre o assunto, pois isto nos conduziria muito longe. Teríamos de discutir os traços relevados pelo autor e os problemas distribucionais. Além disto, Perini conduz seus racio-

cínios, ao longo do trabalho, por caminhos dialéticos, no sentido platônico do termo. Dialoga, não se pretende confinar numa solução final, dado que, conforme ele deixa assente que assuntos tocantes aos adjuntos por ele postuladas, entre outras, tratadas em sua obra, “ é uma das muitas dúvidas a respeito da estrutura da oração que permanecem , por ora, sem resposta “ (PERINI, 1995, p. 89).

Um outro problema relativo à tradicional classe dos advérbios é o fato de eles terem comportamento nominal talvez pelo fato de serem dêiticos. Como os pronomes exercem função sintática de núcleos como os nomes:

- a) Hoje é bom dia para estudar
- b) Ali é bom lugar para viver-se

São todos núcleos do sujeito, o que sustenta a tese de Câmara Jr. (1981) de que são pronomes, pelo menos em parte, pois, de ponto de vista distribucional, têm outros contextos, como modificadores do verbo, por exemplo. Por isto, podem ser partes do sintagma preposicional. Observemos a tríade abaixo:

- a) Gosto dali/ gosto de papai/gosto de ti.

Mas modificam verbos e até substantivos ou, mais precisamente, o sintagma nominal:

- a) Cheguei hoje.
- b) O hoje rei foi antes mendigo.

Vejamos o comportamento de *então*, adjetivo, advérbio e conjunção conclusiva:

- a) O então operário foi presidente do Brasil
- b) Era bom aquele tempo. Então, não se sofria inflação.
- c) Pedro chegou cedo, então deve ter dormido muito.

Em outras palavras, estes advérbios dêiticos supra compartilham traços pronominais, nominais e assumem os seus próprios. No seio de uma classificação do TUDO ou NADA, eles são de difícil classificação. A não ser que adotemos traços de forma e sentido para definirmos formas homônimas. Contudo, isto fica para outro trabalho.

4. *Problemas residuais: as categorias híbridas*

Apresentamos à guisa de esboço alguns problemas que desenvolveremos noutra trabalho: o das classes nominais. Particípios, por exemplo, segundo a tradição não se tornam Adjetivos, mas tem características de verbo e de nome. MAS NÃO SÓ DO ADJETIVO. Vejamos:

- a) os acovardados (substantivo)
- b) os comedidos (substantivo)

Isto remete a questões complexas:

- a) é uma questão no léxico, na gramática ou em terreno limítrofe?
- b) Seria um caso de derivação imprópria? mas este fenómeno a nosso ver é sintático ou de translação na terminologia de Tesnière.
- c) seria um resultado de regras de vestígio? (LEMLE, 1984)

Há autores que, em certas passagens, ignoram ou parecem ignorar a categoria de particípio e preferem ora falar de Substantivo ou de Adjetivo. Camara Jr. (1985), por exemplo, chama a frase com voz passiva de frase nominal, quer dizer, o que chamamos particípio é adjetivo. A voz passiva não teria forma própria senão por um predicado nominal, não seria como a voz ativa, marcada por desinências. Em termos de gramática tradicional, repetimos, o predicado é nominal. Sendo assim, numa frase como

- a) Maria foi visitada por um anjo,

O verbo é *foi visitada*, *foi* dá as categorias de tempo, modo, número, pessoa e aspecto. Só. O núcleo é o adjetivo *visitada*, que seria uma espécie de radical conjugado por *foi*. Seria uma sorte de verbo sintático: *ser visitado*. O verbo *ser* seria funcional, pois ele se presta a fornecer as categorias de verbo a *visitada*. O verbo, no todo, se atribui ao sujeito: *foi visitada* se relaciona ao sujeito, não apenas *foi*.

Outros tipos de predicação envolvem, diga-se de passagem verbo e o que vem a seguir, substantivo ou adjetivo, que, juntos com o verbo remetem ao sujeito, por exemplo: *eu sinto dor*, em que *sinto dor* refere-se ao sujeito, não apenas *sinto*. Isto para nós é explicável em termos de verbo-suporte e de tipos de predicado, mas eu não vou desenvolver por receio de fugir do assunto e complicar este texto.

Lemle (1984), que é gerativista brasileira, em um livro desigual qualitativamente quanto aos conteúdos, *Análise Sintática*, e Emilio Alarcos Llorach (2004), chegam a dizer que , na frase supra, *Maria foi visitada por um anjo* , *por um anjo* é complemento nominal de *visitada*. Estes estudiosos, negam o particípio, como se vê.

Lemle nega as classes verbo-nominais como um todo. O gerúndio seria um advérbio, na frase *João chegou correndo*. Mas, como explicar o gerúndio numa oração adjetiva: *mulheres comprando roupas gastam muito?* *Comprando* é advérbio ou adjetivo? Se for adjetivo, está se dizendo que pode não haver flexão, o que é incomum em formas adjetivais terminadas em *-o*. Se for advérbio, está se dizendo que orações adjetivas podem ser introduzidas por advérbios. A classe adverbial cresce ainda mais. Não vamos julgar agora o mérito da questão por recearmos uma reflexão superficial e uma solução, ainda que provisória, mal fundada..

E uma oração com infinitivo como *Navegar é preciso*, para a qual se estabelece , no gerativismo, um sujeito que não se realizou, que existe, mas não é expresso por substantivo, ou SN . No estruturalismo, é substantivo e verbo.

Com o infinitivo, outro exemplo: *decidi ler o livro*. Esta é diferente, pois há um verbo flexionado anterior *decidi*. Mas não apresenta sujeito realizado. Há um ponto em comum com a outra: é núcleo do objeto direto *ler o livro*. Vejamos que *ler* tem seu próprio *objeto*: o livro. Ninguém pode negar, no estruturalismo e na gramática normativa, que *ler* tem características mistas que rompem a discreção das classes gramaticais. O gerativismo procura resolver coerentemente as questões de formas nominais com categorias foneticamente vazias no papel de sujeito.

Mas ambivalência das classes não se limita às formas nominais: o artigo é distribucionalmente pronominal:

- a) O menino sofre quando abandonado
- b) Aquele menino sofre quando abandonado.

Pode, claro, remeter ao já conhecido, mas pode apresentar comportamento semântico de quantificador:

- c) O homem é animal racional.

Outro problema diz respeito aos conectivos. A lista dos adverbiais está sujeita a revisões. Procurar as regiões limítrofes entre coordenação e subordinação é também outro óbice.

5. *A raiz do problema: a falta do diálogo entre critérios e perspectivas e a ausência de discreção*

De passagem, citamos Rosa, (2003), apontando questões com outras línguas. Por exemplo, a distinção entre Adjetivo e verbo é muito difícil em chinês. Em outras línguas, o V assume papéis que seriam próprios da reposição (cita Sapir, mas não dá exemplo). Em igbo, há cerca de dez adjetivos. Num de seus dialetos, o cuá, adjetivos preferenciais voltados para noção de dimensão, afora outros de outros diversos valores semânticos. Nas línguas bantas, cerca de cinquenta adjetivos. Resulta um pouco incólume o nome e o verbo com restrições.

Aqui compartilhamos nosso ponto de vista com Nietzsche: a lógica, esta fundada na distinção *ser/não-ser*, que vem de Parmênides, chega a Platão, e vem até nossos dias, opera com o pensamento operações estranhas, distantes do mundo concreto. Diz o grande Pai da Metafísica que o pensamento e o ser são a mesma coisa. Mas o pensamento que se julga inerte, move-se. O conflito é fundamento da mente consigo mesma.

Citamos a Física em que a mecânica quântica abraça o princípio da Incerteza de Heisenberg: quanto mais “certo” a posição de uma partícula, mais incerta sua posição. Não entendemos o gosto que o formalismo linguístico busca este ser, ele, que, em compêndios de divulgação cita a Física como exemplo. O naturalismo em linguística parece mais saliente que no âmbito desta ciência natural, que lida com o par caos/forma em convívio.

A saída é buscar nos domínios da linguística um vaso comunicante de critérios e ambivalências. Depois de feito o levantamento de problemas, debruçar-nos-emos sobre uma proposta contemplando certa fluidez, mas, mesmo assim,, interpretável e refutável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA JR, Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*. São Paulo: Iozon, 1985.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1981

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Pre-

sença, 1979.

DICK, Simon. *The theory of a functional Grammar*. Dordrecht-Holand/Providence RI-EUA, 1989

DUARTE, Inês Silva. Descrição e estrutura gramatical do português. In: MATEUS et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

HALIDAY, M. A. K. . *An introduction to functional linguistics*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LEMLE, Miriam. *Análise sintática*. São Paulo: Ática, 1984.

LHORACH, Emilio Alarcos. *Gramática estructural*. Madrid: Gredos, 1981.

_____. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Real Academia Española, 2004.

MACAMBIRA, José Rebouças. *Estrutura morfossintática do português*. São Paulo: Pioneira, 1987.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Formalismos na linguística: uma reflexão crítica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos metodológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

_____. *Sémantique générale*. Paris: PUF, 1992.

RAPOSO, Eduardo de Paiva. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminhos, 1992.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

WIESEMANN, Úrsula; MATTOS, Rinaldo de. *Metodologia de análise gramatical*. Petrópolis: Vozes: 1980.